



* Nas ruas, a ameaça do 'Transcorre'

Leonece Barros

Os ônibus do Transcol, grandes, turbinados, velozes e muito disputados pelos passageiros, são dirigidos por motoristas que já saem nervosos dos terminais por causa da disputa de plataformas, e enfrentam viagens longas em curto espaço de tempo, permitindo que suas neuroses venham à flor da pele e sejam transferidas aos usuários. Eles dirigem em alta velocidade e fazem manobras arriscadas, que comprometem a segurança das pessoas. Por isso já ganharam o apelido de "transcorre".

Segundo explicações de Carlos Ronaldo dos Santos, do Setor de Manutenção de Frota da Ceturb, os ônibus andam sempre na velocidade máxima de 75 quilômetros. Além disso há um lâmpada vermelha que ascende no painel, avisando ao motorista o excesso de velocidade, e os registros são feitos pelo tacógrafo. Mas o fato de serem turbinados, possantes, apesar de grandes, os veículos são de fácil manobra e rapidamente atingem a velocidade máxima. Isso os torna mais desenvoltos e velozes que os ônibus convencionais.

Alguns dos ônibus sequer possuem câmbio de marcha. Ela é automática (hidráulica) e vai sendo adaptada à aceleração desde o deslocamento até o ponto em que a luz do painel avisa ao motorista que a velocidade não deve ser ultrapassada. "Eu já observei e verifiquei que eles não passam de 80, mas já deu para notar como saem dos pontos, como trocam de pista no centro da cidade e nas grandes avenidas, como verdadeiros senhores das estradas. Às vezes, num carro pequeno, a gente fica sendo forçado por eles a desenvolver uma velocidade maior que a desejada", disse o motorista Samuel Soares Neiva, de Vila Velha.

Donos da pista

A autonomia dos veículos e a vaidade dos motoristas que guiam tais ônibus fazem com que eles se sintam como verdadeiros donos da pista. O motorista do 3320 ocupou por várias

vezes as três pistas da Avenida Vitória, da Reta da Penha e Fernando Ferrari. Sua direção é nervosa, com freadas constantes e deslocamentos rápidos. A passageira Léia Cardoso da Silva, doméstica, que trabalha em Jucutuquara, demonstrou preocupação e disse que as viagens boas ou ruins dependem do motorista. "Alguns são calmos e bons, outros apressados, velozes e ignorantes. É uma viagem longa e essas coisas acontecem", disse Léia Cardoso.

Joaquim Alves Pereira, 34 anos, 15 como motorista de ônibus, era quem dirigia o coletivo número de ordem 3320. Ele disse que a irritação dos motoristas surge basicamente de três formas. A primeira está no trabalho duro e pouco recompensado, e exibiu seu contracheque com um vencimento de Cr\$ 140.902,53; Cr\$ 94.502,53 de descontos e um líquido no final do mês de setembro de Cr\$ 46,4 mil. "Aqui estão os descontos de INSS, multas e outros. Um motorista trabalha muito, enfrenta muitas coisas, gente de todo o tipo, e é cheio de neuroses. É um trabalho difícil que nem sempre estamos em boas condições psicológicas para exercer", frisou Joaquim.

Além do salário, Joaquim Alves garante que não há nada mais irritante para o motorista do que a comodidade dos passageiros, que, por falta de orientação, informação e educação, atrasam as viagens. Ele citou como exemplo, na viagem que fez ontem pela manhã, um passageiro que tomou o coletivo no centro de Vila Velha com uma caixa e uma bolsa. "Não sei se você viu, mas quando parei na Rodoviária, em Vitória, saltaram muitos passageiros e por causa do intervalo eu achei que poderia arrancar para continuar a viagem e ouvi um grito. Quase um minuto depois o passageiro da caixa saltou. Ele deveria ter se posicionado antes para evitar o atraso. Isso irrita muito a gente, que precisa cumprir o mínimo de horário e tem que enfrentar muito esse tipo de acomodação de passageiros", frisou Joaquim Alves Pereira.

Uma outra ocorrência que irrita os motoristas é a falta de identificação do veículo que deseja tomar. Às vezes o passageiro toma o ônibus sem saber se ele passa em determinado lo-

cal. Mesmo assim, exige do motorista que o avise quando chegar o momento de saltar. "São muitas preocupações e atenções e, às vezes, nos esquecemos de avisar. Aí você ouve muito desaforo e tem que agüentar isso. É certo que nossas neuroses escapam de uma outra forma", frisou Joaquim.

Terminais

Um outro motorista que não quis se identificar garantiu que a maior irritação dos motoristas está ligada à movimentação dos terminais. "Esses terminais não foram projetados dentro do que previa o Transcol. Quando encosta um ônibus articulado, três plataformas são tomadas, e quando chegamos é uma desorganização total. Não há pista para desembarque e os passageiros que saltam se misturam com os que embarcam, provando mais uma vez que os terminais são confusos. Aqui em Laranjeiras não há pontos de estacionamento dos coletivos. Esta manobra para estacionar é irritante. Quando voltamos para a plataforma, há atrasos e os fiscais anotam tudo, para que no final do mês soframos descontos. A loucura e o mal-estar do motorista começam e continuam com a chegada e saída dos terminais", disse o motorista.

Esta irritação tão comum aos motoristas, que às vezes se irritam até com a campanha de solicitação de parada — "graças a Deus elas tocam só uma vez a cada chamada e não como antigamente, disse um deles —, torna os veículos verdadeiras armas, através das quais sofrem os condutores de automóveis de passeio, passageiros e pedestres. Por causa do descontrole emocional de um dos motoristas do Transcol, o médico e ciclista Anselmo Tosi quase foi assassinado.

Há aproximadamente três meses, ele circulava junto ao meio-feio pedalando sua bicicleta, no costumeiro treino diário, quando percebeu que um ônibus do Transcol passou propositalmente bem próximo e o motorista fez uma manobra para que a traseira do veículo o abalroasse. Mais adiante, no sinal vermelho, o ciclista perguntou se o motorista não o tinha visto, porque quase o atropelou, e foi

agredido fisicamente, e precisou narrar o fato para um guarda de trânsito mais na frente. O policial parou o ônibus, advertiu o motorista e o médico foi adiante.

Já em Camburi, na Avenida Dante Michelini, em frente à casa noturna New Franciscano, ele só percebeu que estava sendo retirado do chão quando populares o socorreram, levando-o para médico. Além de vários pontos na testa, quebrou alguns ossos do rosto, como o zigomático. O mesmo motorista que foi advertido pelo guarda resolveu se vingar e quase o matou. Posteriormente, o fato foi levado à Ceturb, que hoje tem informações de que o motorista foi demitido. "O que preocupa não é a demissão ou punição do motorista, mas a análise do aspecto moral do fato", frisou Anselmo Tosi.

Não são apenas os problemas que ocorrem nas viagens entre passageiros, motoristas e trocadores que apavoram alguns usuários. Eles acreditam que os ônibus ultrapassam os 75 quilômetros por causa da velocidade que desenvolvem, e as manobras arriscadas e rápidas que realizam, mudando de pistas. Vez por outra ocorrem acidentes por causa disso. O motorista que dirigia o ônibus 029 no percurso terminal de Laranjeiras/Vila Velha, via Reta da Penha — 3ª Ponte, quase causou um acidente ontem às 10h25m com a mudança rápida de pista na Fernando Ferrari, sentido Carapina-Goiabeiras. Graças às manobras rápidas que os ônibus de direção macia possuem, ele voltou rapidamente para a pista anterior e evitou um abalroamento.

— "Eu vejo que esses ônibus possuem velocidade controlada, mas ao que parece, o que marca no velocímetro é inferior ao que desenvolvem. Não acredito que esse ônibus (029) tenha descido essa reta do aeroporto apenas com uma velocidade de 75 quilômetros. Deu para ver que os outros veículos também não estavam devagar e ele ultrapassou vários deles. Eles podem ser chamados de "transcorre" sim, e acho que o apelido encaixa bem" — frisou o passageiro Marcos Vinícius Solano Lopes, residente em Carapina, Serra.